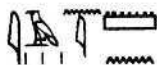


O FESTIVAL DE OPET: REFLEXOS NA ONOMÁSTICA EGÍPCIA DO IMPÉRIO NOVO

Maria Helena Trindade LOPES *



i3w-n-imn

"Louvores para Amon"

M. Thirion, RdE 42, p.232

O homem egípcio, quieto, sonhador, prisioneiro "liberto" das águas doces e tranquilas do rio e das areias silenciosas e perturbadoras do deserto, viveu e permaneceu, para além do seu tempo, pela força da palavra e do gesto.

A palavra realizava, dava corpo aos seus sonhos e anseios, e o gesto ritualizava, pela eternidade, as diferentes mensagens da sua boca criadora.

A civilização egípcia é, essencialmente, gesto e palavra e é nesta dialéctica que poderemos entender, por um lado, a expressão dos festivais ou festas religiosas e, por outro, os diferentes nomes alusivos e estas festividades.

Gestos e palavras....

Ao longo do ano, durante vários dias, todos os meses, o Egipto explodia em festividades ¹, de carácter popular, que celebravam os fenómenos cósmicos ou as datas fundamentais do ciclo agrícola, *rememorando, assim, os eventos mitológicos mais relevantes da história da sua civilização.*

O Festival de Opet ², realizado pela primeira vez no reinado de Hatchepsut (~ 1471 ~ 1456 a.C.) era, sem dúvida, um dos expoentes máximos deste fervor, no Império Novo. Esta festa começava no décimo-quinto dia do terceiro mês da inundação, de madrugada, terminando onze dias depois. No entanto, a sua duração vai aumentando ao longo dos reinados da XVIII e XIX dinastias e, assim, quando chegamos à XX dinastia, ela tem já uma duração que varia entre os vinte e quatro e os vinte e sete dias ³.

O seu ritual, representado nas grandiosas colunas que suportavam o templo de Luxor, consistia na viagem, de barca, da estátua do deus Amon, acompanhado da sua mulher, Mut, e do seu filho, Khonsu, do templo de Karnak em direcção ao templo de Luxor. Esta procissão era presidida pelo próprio rei ⁴, que assim confirmava um aspecto importante do dogma faraónico, a sua filiação divina ⁵. O cortejo era ainda acompanhado pelos sacerdotes e altos dignatários, bem como por muitos outros fiéis.

A festividade, a mais importante do calendário litúrgico, simbolizava, no plano religioso, a fusão de Amon de Karnak com Amon de Luxor, "à frente do seu harém", exprimindo, deste modo, o poder gerador encarnado pela forma itifálica desta divindade. No plano político, protagonizava os ritos constitutivos da realeza, dando assim expressão à ligação profunda entre o ciclo religioso e o ciclo político da mitologia egípcia.

A música e a dança davam o tom de festa à cerimónia litúrgica e as oferendas, institucionais ou privadas, multiplicavam-se. Esta ocasião era, também, propícia para a produção de oráculos ⁶, que testemunham o novo modelo de relação entre o homem e a divindade ⁷.

E quando o nascimento de uma criança coincidia com a data de determinada festividade, as mães atribuíam, ao recém-nascido, um nome evocativo dessa festa religiosa. É nesta conjuntura particular que se inscrevem todos os nomes alusivos ao Festival de Opet.

Estes nomes podem dividir-se em sete categorias fundamentais, que passaremos a apresentar:

1.ª categoria - X (*nome da divindade*) + m + hb "(A divindade X) está em festa"⁸:



Imn-m-hb

"Amon está em festa"

PN I, 28, 14



Mwt-m-hb

"Mut está em festa"

PN I, 147, 22

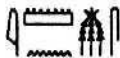


hns.w-m-hb

"Khonsu está em festa"

PN I, 271, 3

2.ª categoria: X (*nome da divindade*) + ms "(A divindade X) é nascida":



Imn-ms⁹

"Amon é nascido"

PN I, 29, 8; var. 29, 9; var. 29, 11.



hns.w-ms

"Khonsu é nascido"

PN I, 271, 7

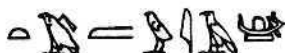
3.ª categoria: X (*nome da divindade*) + m + wi3 "(A divindade X) está na barca sagrada":



Imn-m-wi3

"Amon está na barca sagrada"

PN I, 28, 1

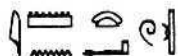


Mwt-m-wi3

"Mut está na barca sagrada"

PN I, 147, 17

4.ª categoria: X (*nome da divindade*) + h^c "(A divindade X) apareceu":



Imn- h^cy

"Amon apareceu"

PN I, 30, 18; var. 30, 19.

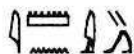


Mwt- h^cyt

"Mut apareceu"

PN I, 148, 15

5.ª categoria: X (*nome da divindade*)+ iy(w) "(A divindade X) veio" ¹⁰:



Imn-iy(w)

"Amon veio"

PN I, 26, 21; II, 222

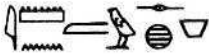


Mtw-iy(w)

"Mut veio"

PN I, 147, 6

6.ª categoria: X (*nome da divindade*) + m + *wsht* "(A divindade X) está no Pátio":



Imn -m- wsht

"Amon está no Pátio"

PN I, 28, 2



Mwt-m- wsht

"Mut está no Pátio"

PN I, 147, 8

7.ª categoria: X (*nome da divindade*) + m + *int* "(A divindade X) está no Vale":



Imn-m-int

"Amon está no Vale"

PN I, 27, 22



Mwt-m-int

"Mut está no Vale"

PN I, 147, 16; II, 360

Todos estes nomes, motivados pela conjuntura do nascimento, não só evocam, de uma forma explícita (1.ª categoria), a celebração do Festival, como alertam ainda para a coincidência do nascimento do recém-nascido e da divindade (2.ª categoria) e para o seu aparecimento ou vinda (4.ª e 5.ª categorias) podendo, assim, também testemunhar que a divindade em questão respondeu às súplicas ou pedidos de uma mãe, permitindo, deste modo, o nascimento da criança¹¹. Mas, para além desta dimensão mais geral, estes nomes recordam ainda a procissão em que a divindade era conduzida numa barca (3.ª categoria), que dava ocasião a uma aproximação entre os fiéis e o seu objecto de adoração¹², apanágio do novo modelo de relação homem/divindade, testemunham a presença da divindade no vestíbulo do Templo (6.ª categoria)¹³ e no Vale (7.ª categoria), em Tebas.

Assim, a coincidência do nascimento de uma criança durante a celebração anual do Festival de Opet contribuía para a eternização deste ritual, que permanecia pela força do nome, testemunhando, deste modo, não só o acontecimento, mas a sua importância política e religiosa em termos de imaginário.

Gestos e palavras...

* Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

¹ Vd. J. Bleeker, *Egyptian Festivals*, Supplements to Numen 13, Leyde, 1967; Ph. Derchain, "Rituels Égyptiens" in *Dictionnaire des Mythologies*, (dir. Y Bonnefoy), 2.º vol., Paris, Flammarion, 1981, pp. 328-333 e, ainda, J. Yoyotte, *Les Pèlerinages*, Sources Orientales 3, Paris, 1960, pp. 17-74.

² Vd. F. Dunand, C. Zivie-Coche, *Dieux et Hommes en Égypte (3000 av. J. C.-395 apr. J. C.)*, Paris, Armand Colin, 1991, p. 102.

³ Vd. H. Sourouzian, "La Belle Fête d'Opet ou la barque d'Amon-Rê" in *Thèbes 1250 av. J. C. - Ramsés II et le rêve du pouvoir absolu*, Paris, Éditions Autrement, 1990, p. 155.

⁴ No Império Novo competia ao faraó a condução das grandes procissões tebanas que, por um lado, serviam como forma de propaganda real e, por outro, reatualizavam, de uma forma regular, a integração cósmica da realeza. No entanto, não podemos afirmar uma presença regular e constante (anual) dos reis nestas cerimónias litúrgicas. A propósito da função de propaganda real, vd. N. Grimal, *Les Termes de la Propagande Royale Égyptienne de la XIX^e Dynastie à la conquête d'Alexandre*, Paris, Imprimerie Nationale, 1986, pp. 535-537.

⁵ Vd. M.-A. Bonhême; A. Forgeau, *Pharaon, les secrets du pouvoir*, Paris, Éd. Armand Colin, 1988, pp. 72-80.

⁶ Vd. J. Assmann, "State and Religion in the New Kingdom" in *Religion and Philosophy in Ancient Egypt* (ed. W. R. Simpson), New Haven, Yale University, 1989, pp. 79 ss.; J. Baines, *Religion in Ancient Egypt - Gods, myths and personal practice*, (ed. B. E. Schafer), Itaca, Cornell University Press, 1991, pp. 170-171; A. Barucq, "Oracle et Divination en Égypte" in *Supplément au Dictionnaire de la Bible*, VI, Paris, 1960, col. 761-766 e 787; A. M. Blackman, "Oracles in Ancient Egypt" in *JE* 11, Londres, Egypt Exploration Society, 1925, pp. 249-255; J. Léclant, "Éléments pour une étude de la divination dans l'Égypte Pharaonique" in *La Divination* (dir. A. Caquot; J. Leibovitch), Paris, P. U. F., 1968, pp. 3-6 e, ainda, P. Vernus; J. Yoyotte, *Dictionnaire des Pharaons*, Paris, Éditions Noësis, 1996, pp. 106-107.

⁷ Vd. J. Assmann, *o. c.*, pp. 68-78; J. Baines, *o. c.*, pp. 137-200 e, ainda, P. Vernus, "Le dieu personnel dans l'Égypte pharaonique" in *Colloque de la Société Ernts Renan*, Orsay, 1977, pp. 143-157.

⁸ Esta formação teofórica surge no Império Médio, é frequentemente utilizada no Império Novo e começa a rarear no Terceiro Período Intermédio.

⁹ Este é um dos nomes próprios, teofóricos, mais frequentes no Império Novo.

¹⁰ Os nomes deste tipo surgem, pela primeira vez, no Império Médio.

¹¹ Vd. J. Vergote, *Les Noms Propes du P. Bruxelles Inv. E. 7616 - Essai d'Interpretation*, col. Papyrologica Lugduno-Batava VIII, Leiden, E. J. Brill, 1954, p.23.

¹² Vd. F. Dunand, C. Zivie-Coche, *o. c.*, p. 125 e D. Van der Plas, "Voir Dieu - quelques observations au sujet de la fonction des sens dans le culte et la dévotion de l'Égypte Ancienne" in *BSFE* 115, Paris, Société Française d'Égyptologie, 1989, pp.22 ss.

¹³ Vd. V. Condon, "Two account papyri of the late eighteenth Dynasty (Brooklyn 35.1453 A. and B.) in *RdE* 35, Lovaina, Ed. Peeters, 1984, p. 66.

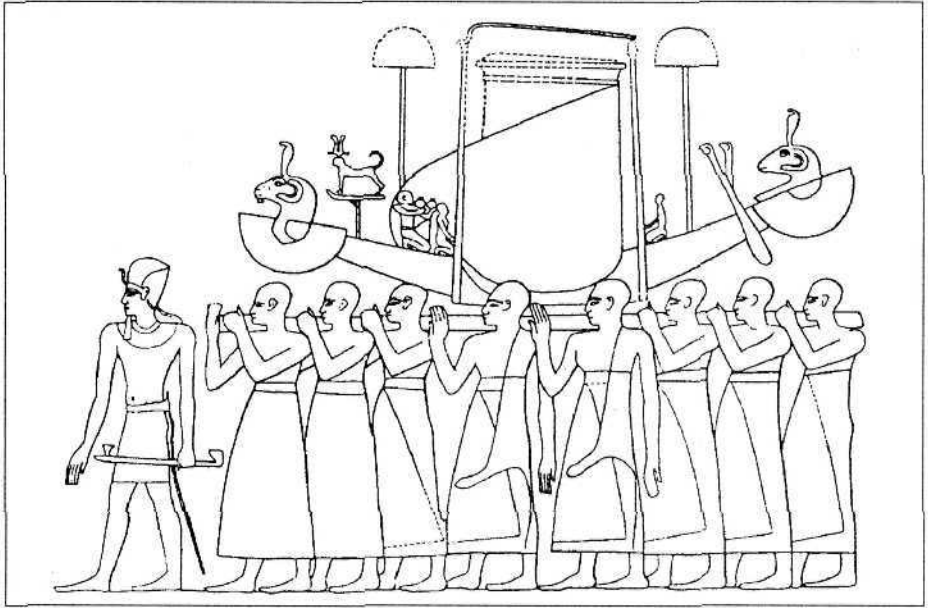


Fig. 1 - Barca Sagrada de Amon